

Resposta à Consulta da UNESCO sobre os Futuros da Educação
Enviado pela ONG: International Society for Education through Art (InSEA)

A Visão da InSEA para 2050: Futuros da Educação

Kathryn Coleman, Jonathan Silverman, Glen Coutts, Mira Kallio-Tavin, Teresa Eça, Gabriella Pataky, Samia ElSheikh, Patsey Bodkin e Sahar Khalil

Resumo e introdução

Este relatório resume as questões recorrentes discutidas por membros da sociedade Internacional de Educação através da Arte (InSEA) sobre como será a educação em 2050. O grupo refletiu sobre possíveis desafios sociais, culturais, económicos e ambientais previsíveis para 2050, focando-se no papel que as artes visuais poderão ter para enfrentar esses desafios. O grupo de trabalho olhou para a bola de cristal e tentou imaginar como poderão ser as circunstâncias da educação em 2050. Imaginámos como o conhecimento e a aprendizagem poderão moldar o futuro da humanidade e do planeta a partir dos propósitos coletivos da educação em 2050, incluindo o que aprendemos, como aprendemos e onde aprendemos (UNESCO, 2020).

Para este propósito perguntámos: de que maneira a arte e a educação artística mudarão daqui a 3 décadas? Como poderão os artistas e arte-educadores liderar essa mudança? Ou poderão colaborar? Temos uma visão para mudança educacional através da criatividade, imaginação e fruição? Vamos, por exemplo, eliminar “escolas” como as conhecemos e criar espaços de aprendizagem inovadores? Será que as galerias e outras instituições e lugares culturais se vão globalizar como potenciais espaços digitais de ensino e aprendizagem? Que mudanças sociais, culturais e tecnológicas queremos ver na sociedade? De que modo as nossas visões sobre a educação em 2050 nos ajudarão a decidir o futuro da educação através da arte?

A InSEA foi criada em 1954 e visa promover um modelo de educação inspirado nas ideias enunciadas por Herbert Read no seu livro ‘Educação Através da Arte’, publicado pela primeira vez em 1943. Segundo Read “A educação pela arte é um meio natural de aprendizagem em todos os períodos do desenvolvimento do indivíduo, fomentando valores e disciplinas essenciais para o pleno desenvolvimento intelectual, emocional e social dos seres humanos na sociedade” (Read, 1943). Mais recentemente, a nossa comunidade de arte-educadores revisitou a visão de Read (Coutts & Eça, 2020; Coutts & Eça, 2019: InSEA Manifesto, 2018), que, acreditamos, encapsulam a nossa postura filosófica - que a arte visual é um direito humano fundamental e de valor educativo intrínseco. Antes de poder escrever ou comunicar verbalmente, os humanos desenharam fazendo marcas; uma atividade humana natural e universal, com a qual se explora o mundo, investiga, comunica e compreende. Acreditamos que uma educação ampla e equilibrada é um direito dos seres humanos e deve oferecer aos estudantes de todas as idades oportunidades para pensar através do fazer, ser curioso e, mais importante, fazer conexões e colaborar com outros em espaços socialmente justos (Manifold, Willis & Zimmerman, 2016; Coutts, 2013). O propósito coletivo da educação deve ajudar a desenvolver indivíduos responsáveis e criativos que possam contribuir para o bem comum.

Estamos convencidos de que os processos das artes visuais são uma forma natural de desenvolver esses atributos.

Tendo em consideração cenários complexos de sustentabilidade, resiliência, desterritorialização e inclusão organizamos o nosso pensamento nos seguintes tópicos:

Aprendizagem Descolonizadora;

Aprendizagem Co-desenhada Colaborativa e Participativa;

Aprendizado inovador; Espaços; e Criatividade e Imaginação.

Nestas deliberações, reconhecemos que os alunos dos cursos de Formação de Professores de hoje são os futuros educadores que colocarão em prática os ideais transformadores em 2050; esperamos que os resultados desta importante consulta sustentem uma revisão crítica da forma como a formação de professores é conduzida tanto na formação inicial como na formação em serviço. A criação deste documento reuniu as nossas diversas experiências e conhecimentos em todos os continentes a partir de um processo colaborativo. Usando imaginação e resiliência, trabalhamos juntos usando a tecnologia para facilitar comunicação e o processo de escrita. Singelamente, achamos que esta colaboração modela a nossa visão para 2050.

A InSEA acredita que em 2050, o constructo industrial ocidental da educação será obsoleto. Por exemplo, a compartimentação em disciplinas, calendarização, avaliação, faixas etárias. A colonização do currículo e da aprendizagem didática não poderá responder às necessidades de uma sociedade global. A educação não é um negócio e os alunos não são produtos. Em muitas culturas, particularmente em países europeus ocidentais, temos visto colocar um ênfase indevido na avaliação, nas tabelas classificativas e na competição. Essa obsessão doentia por medir e testar tende a concentrar a aprendizagem em dimensões que são fáceis de medir e, portanto, atingem um certo “valor” em termos políticos. Nas artes visuais, e particularmente no design, são desenvolvidos traços e atributos que são muito mais difíceis de medir, mas que têm muito valor para a humanidade, sobretudo na medida que lidamos cada vez mais com problemas difíceis ou impossíveis de resolver devido a requisitos incompletos, contraditórios e mutáveis que geralmente são difíceis de reconhecer ¹(Kolko, 2012). A educação em artes visuais nutre, por exemplo, resiliência, empatia, colaboração, tenacidade e tolerância.

O propósito coletivo da educação em 2050, afirma InSEA, deve ter como meta o desenvolvimento responsável de indivíduos criativos que contribuem para o bem comum e a preservação do nosso planeta. Uma educação equilibrada, é direito de todo ser humano: as artes visuais proporcionam aos alunos de todas as idades, culturas e etnias oportunidades com múltiplas perspectivas para apreender o mundo e permitir o uso da imaginação tanto na formulação de problemas, como na resolução de problemas. Além disso, resiliência e tenacidade são incentivados numa aprendizagem engajada; aplicada e multidisciplinar como pesquisadores que podem ter empatia, fazer conexões e colaborar com os outros (InSEA Manifesto, 2018). Desenhar e construir são atividades humanas naturais e universais. A literacia visual será indispensável em 2050 porque os cidadãos globais precisarão continuar a explorar o mundo, investigando, comunicando e expressando a sua compreensão e curiosidade usando variados média.

¹ Tradução livre do termo ‘wicked problems’

A InSEA prevê espaços de aprendizagem inovadores ou 'situações' (não 'escolas' como agora as pensamos) mas espaços onde os alunos encontram cenários e trabalham juntos para o bem comum, incluindo grupos intergeracionais. A capacidade de visualizar para pensar, comunicar e trabalhar em conjunto, foi central para a educação em artes visuais por décadas. A visão da InSEA para a educação 2050 inclui aprendizagens em situações que abraçam o pensamento criativo e crítico inclusivo e intercultural, onde os alunos co-criam a experiência educacional. Na nossa visão de espaços de aprendizagem inovadores, o conhecimento ancestral indígena e formas tradicionais de aprender e trabalhar coexistirão com quaisquer inovações que possam surgir em 2050 ou depois. Fundamentalmente, pensamos que as artes visuais, o pensamento visual e o fazer (Hetland et al, 2007; Kallio-Tavin , 2018) ajudará a educar os cidadãos globais sobre como viver juntos pacificamente e cuidar do nosso mundo.

Olhando para os sistemas educacionais que estão hoje em vigor na grande maioria dos países, observamos que, na pior das hipóteses, a educação é movida pela exclusão e pela competitividade, limitada pela avaliação e sistemas de avaliação que não validam ou, pelo menos, reconhecem da mesma forma todas as áreas do conhecimento. Por exemplo, as artes estão frequentemente nos setores marginalizados da educação, designados como disciplinas 'suaves', não tão importante quanto as disciplinas "duras", em áreas menos subjetivas. Buscamos novos paradigmas de educação com uma perspectiva mais humanista que reconheça o conhecimento tácito; espacial; inteligências visuais e emocionais. Em 2050, os alunos desenvolverão habilidades para resolução de problemas como formas de emancipação para viver num planeta, transformado pelas mudanças climáticas e em sociedades nômadas, para futuros que podemos prever, em muitos países, como precários e carregados de adversidade. A seguir, propomos quatro temas que acreditamos serem indispensáveis para um mundo em 2050 onde possamos aprender a viver juntos e a viver com responsabilidade no mundo natural.

Descolonizando a aprendizagem

A perspectiva eurocêntrica caracterizou e influenciou significativamente e indevidamente a educação em todo o mundo. Acreditamos que a educação artística pode ser uma ferramenta potente na reorientação para um cenário educacional que tanto abarca saberes e práticas indígenas e descolonizadas como desenvolve currículos inclusivos que enfatizam igualdade, equidade, acessibilidade, sustentabilidade, justiça e Justiça social. A educação artística, acreditamos, continuará assumindo uma liderança ativa na educação contra o racismo, sexismo, classismo, capacitismo e especismo. A educação em artes visuais representa uma área de aprendizagem que valoriza diferentes identidades culturais e subjetividades e valoriza as comunidades locais como locais de aprendizagem. Uma educação artística que abraça conhecimentos e práticas indígenas e descolonizadas permite oportunidades iguais de aprendizado para deslocados, refugiados e pessoas que vivem em situações difíceis. Mais importante ainda, os currículos de educação artística deverão ser informados e reescritos a partir de perspectivas que não sejam eurocêntricas. Rompendo o cânone ocidental de aprendizagem nas artes, que precisa de ser problematizado e revisitado regularmente. Uma educação não-violenta e ética inclui também o respeito a outras espécies que não a humana. Este é um difícil desafio em no mundo onde a sujeição de outras espécies se tornou uma norma cotidiana em 2020. A aprendizagem através da arte nos contextos de educação

empática e engajamento crítico orientará os alunos no futuro , de modo a tornarem-se empáticos com a vida não humana (Kallio-Tavin, 2020).

Acreditamos que as estratégias de ensino e aprendizagem colaborativas e participativas incluirão perspectivas e experiências indígenas. A prática educacional colaborará inerentemente com os povos das primeiras nações para trazer as suas histórias e a sua história para o currículo, bem como seus modos indígenas de pedagogia. A versatilidade e a natureza inclusiva das artes visuais contribuirão para a partilha e compreensão da aprendizagem intercultural mútua e fornecerão acesso a experiências multigeracionais e engajamento com a comunidade.

Na nossa opinião, as escolas não estão a responder positivamente aos desafios da Quarta Revolução (Fórum Econômico Mundial, 2020). Esperamos uma interface cultural, um encontro de saberes sistemas e estruturas que rompam e desloquem o conhecimento, as origens do conhecimento e a origem das histórias. Desejamos ver artistas, arte-educadores e o setor de artes trabalhando juntos em modelos de co-design para uma educação democrática com lideranças indígenas. A InSEA apoia e divulga excelentes exemplos de educação artística baseada na comunidade e modelos de educação indígena que podem fornecer pontos de partida para a descolonização das práticas educativas. Reconhecemos, procuramos celebrar e dar visibilidade a modelos indígenas de conhecer, ensinar e aprender. Ressaltamos que existem vários sistemas de conhecimento em vez do único foco eurocêntrico atual em muitos países. Acreditamos que novos entendimentos de comunidade devem ser explorados descolonizando saberes por meio de investigações orientadas para o cuidado e a ética que não sejam apenas brancas e ocidentais

Desvendar as histórias de outros incluirá uma profunda introspeção do “princípio de convergência de interesses” para desembaraçar e atender à descolonização. Os futuros modelos curriculares devem ser pluralistas e evitar a polarização causada por valores coloniais para ser inclusiva. Múltiplas vozes e formas de conhecer e representar o mundo são fundamentais para explorar condições humanas que não estão registradas através de textos, como por exemplo o conhecimento tácito. Que histórias e conhecimentos estão incorporados nas tradições de povos Indígenas e das primeiras nações com os quais precisamos aprender? Essas histórias e conhecimentos podem ajudar-nos a trabalhar juntos com sensibilidade para o benefício da humanidade? Estas, acreditamos, são questões-chave que devem sustentar um repensar radical da aprendizagem no(s) futuro(s).

A nossa visão do(s) futuro(s) da educação é multidisciplinar e baseada em projetos com espaço físico e temporal para as artes nas escolas. Além disso, julgamos ser importante ter um bom sistema de formação de professores especialistas de arte. Professores de arte que são movidos por pesquisas educacionais baseadas em métodos artísticos e experiências relacionadas com a prática. Não se trata de negar o papel dos artistas, mas de sublinhar a natureza especializada e distinta do papel da educação - leva tempo para educar e formar bons educadores ao longo de suas carreiras. Esses professores especialistas de arte devem ser oriundos de diversas camadas socioculturais para refletirem a composição da sociedade em mudança. Ensinar e aprender em artes visuais devem ser abordados como uma experiência colaborativa ou em grupo para encorajar a compreensão, diversidade e respeito pelas culturas dos outros (educação para a paz).

Aprendizagem co-projetada colaborativa e participativa

Em 2050, acreditamos que o foco do ensino será na aprendizagem co-projetada. Mais do que em 2020, a educação enfatizará a relação humana entre aluno(s) e professor, colaboração e aprendizagem integrada. A investigação será inerente ao longo do processo educacional de modo interdisciplinar e como descoberta intercultural abordando questões complexas do dia a dia. Como se comenta no Manifesto da InSEA (2018): “Todos os alunos têm direito a uma educação artística que os conecta profundamente com seu mundo, com a sua história cultural. Criando-lhes aberturas e horizontes para novas formas de ver, pensar, fazer e ser”.

Os educadores serão inovadores no desenvolvimento de estratégias que abordem as nossas habilidades como seres humanos para viver juntos e com responsabilidade, viver conscientemente no nosso ambiente. O aprendizado integrará exploração do conhecimento com a promoção da empatia, imaginação e inclusão. A descoberta do “outro” levará a experiências colaborativas de engajamento em propósitos compartilhados e expandirá a percepção sobre o que significa ser humano. A exploração comum de questões como justiça social, mudanças climáticas, escassez de alimentos e água servirão de base para o desenvolvimento holístico de cada indivíduo (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável).

Em vez de ser um componente separado da realidade, o aprendizado evoluirá para experiências compartilhadas. Haverá lugar para formas cognitivas e sensoriais de explorar e conhecer. Através do pensamento do design, desenvolver-se-ão habilidade de comunicação indispensáveis para decifrar imagens, diferenciar qualidades e desenvolver literacia de narrativas visuais envolvendo os alunos em pensamento crítico e criativo (Eisner, 2002). Em 2050, programas educacionais e modelos de currículo prepararão os cidadãos com confiança inteligências flexíveis e habilidades criativas de comunicação verbal e não verbal (InSEA Manifesto, 2018).

Os professores em 2050 explorarão o conhecimento não como uma mercadoria singular pré-determinada, mas sim como um processo plural de descoberta na interface intercultural. Haverá menos hierarquia didática tradicional como a do professor onisciente e alunos participantes inativos. Reconhecemos aqui, o princípio de educação libertadora de Paulo Freire (1969), que acreditava em movimentos ativos contra o modelo de educação "bancário". O ambiente de aprendizagem colaborativa terá uma atmosfera envolvente inclusiva e participativa onde haverá lugar para professores aprendizes e alunos professores e onde os membros da comunidade sejam ativamente envolvidos. Cada aluno desenvolverá habilidades de liderança, bem como as disposições para trabalhar efetivamente com os outros e trabalhar de forma independente. Os educadores cultivarão a construção do conhecimento. Criando espaço para experiências estéticas e narrativas empáticas possibilitando a comunicação sensível e consciência do sentido de lugar, os valores adotados por uma pessoa dentro de um contexto social específico (Silverman, 2016). Pedagogias significativas fomentarão a observação apurada e cuidado com o nosso ambiente natural, assim como a percepção e resposta à injustiça

Espaços de aprendizagem inovadores

A InSEA acredita que os espaços de aprendizagem em 2050 refletirão uma abordagem de educação que incluirá o envolvimento colaborativo dos alunos, um currículo descolonizador, um processo inclusivo e plural de descoberta e fomento da imaginação e da percepção estética. O desenho do aprendizado enfatizará a compreensão e o desenvolvimento do “bem comum” e mobilização. Os centros educacionais oferecerão aos alunos fácil acesso para se deslocarem entre centros comunitários, os espaços físicos que habitamos e a cultura digital. Haverá uma variedade de maneiras de “fazer escola” em 2050 e após. Espaços de aprendizagem inovadores não serão apenas inclusivos, interculturais e criativos, eles refletirão uma mentalidade empreendedora onde os alunos projetam, co-projetam e co-criam ambientes educacionais. O conceito de sala de aula deverá ser imaginado como um estúdio. Esses espaços de estúdio, que podem ser móveis, serão preenchidos com oportunidades para explorar o mundo e questionar problemas complexos. Espaços de aprendizagem inovadores onde se cultivará a investigação artística com acesso a uma variedade de materiais, objetos lúdicos e artefactos.

No entanto, será importante que os alunos tenham uma estrutura física, espaço e tempo separados para a aprendizagem coletiva como uma estrutura permanente, sustentável e aberta. Os alunos precisam encontrar conhecimento, experiência e alfabetização de várias maneiras. Em 2050, as artes serão indispensáveis para ajudar a comunidade educacional a visualizar os ambientes para melhor comunicar, pensar criticamente e responder criativamente aos contextos socioculturais locais e globais. Onde será importante mover-se perfeitamente através do espaço tecnológico e tridimensional e nutrir aguçadas habilidades de observação, flexibilidade, experimentação e colaboração (Eisner, 2002).

Criatividade e imaginação

Ao longo da história, os humanos sobreviveram e floresceram usando sua imaginação e criatividade para enfrentar desafios imprevistos. Nós da InSEA acreditamos que para criar um mundo em 2050 que seja inclusivo, com ambientes de aprendizagem colaborativos, resilientes e sustentáveis precisaremos de cultivar a imaginação. A educação, seja qual for a forma que assuma em 2050, precisará responder crítica e intuitivamente às questões sociais, questões culturais, económicas e ambientais da época. Teremos que libertar a nossa imaginação (Greene, 1995) e vislumbraremos diferentes perspectivas à medida que assumimos a responsabilidade de viver juntos protegendo a nossa Terra. Em 2050, os ambientes de aprendizagem irão nutrir o que a filósofa Martha Nussbaum descreve como a “Imaginação Narrativa” onde, aprendendo profundamente com as histórias dos outros no contexto das nossas vidas, expandimos a nossa própria compreensão do eu (1998). A linguagem visual é uma comunicação natural para atender à imaginação narrativa e incorporar as histórias Indígenas e ao mesmo tempo vislumbrar novos modelos de espaços de aprendizagem. Em 2050, os ambientes de aprendizagem refletirão a aprendizagem multigeracional e orientada para a comunidade; um currículo integrado com foco na experiência, investigação, colaboração e abordagens interdisciplinares; novas maneiras de conceber ambientes educacionais que se estendem muito além da estrutura como saber das escolas de hoje; e a relação simbiótica de ciência, tecnologia, engenharia e arte. O conhecimento será RE imaginado para ser ágil para vincular o passado à incerteza do futuro. Idealmente, a exploração da imaginação levará os cidadãos globais à interação saudável de visão e humildade, admiração e perseverança, empatia e responsabilidade.

As literacias em 2050 precisarão ser fluidas ou incluir, como o educador John Dewey expressou, um “propósito flexível”(1938). Ao invés de enfatizar a transferência de conhecimento, haverá incentivo para a vitalidade da investigação onde a flexibilidade é celebrada no processo de investigação de descobrir através da investigação que não compromete os objetivos. Em 2050, os espaços de aprendizagem inspirarão os alunos a construir relacionamentos de confiança onde eles imaginam possibilidades e seguem adiante para abordar questões globais como insegurança hídrica, pobreza, destruição ambiental, migração e injustiça. Ao aprender nestes ambientes que estimulam a imaginação temos uma oportunidade como o filósofo Educacional Maxine Green nos lembra, “trabalhar juntos para desvendar o que está escondido, para contextualizar o que nos acontece, para mediar a dialética que nos mantém no limite, e que nos mantém vivos” (1995, p.115).

O processo criativo mantém-nos no limite saudável para perceber o que agora é imperceptível. Certamente que há 50 anos, seria difícil imaginar, por exemplo, os media digital, a world wide web e o zoom². Embora possamos não ser capazes de conceber as várias maneiras pelas quais os humanos irão interagir em 30 anos, podemos ter a certeza de que a participação ativa na experiência estética que enriquece a observação, percepção e conexões influenciarão como nossa sociedade interpreta a “beleza” e todos os aspetos sociais, implicações culturais e ambientais da beleza.

Uma chave para fomentar a imaginação e a percepção estética é abrir espaços de aprendizagem para envolvimento com o processo criativo. O processo criativo começa com a investigação. Experimentando, a descoberta, a colocação de problemas e a resolução de problemas são os ricos caminhos para a apropriação da aprendizagem. Imaginamos a educação em 2050, acreditando que as artes visuais otimizam as disposições necessárias para uma vida saudável numa sociedade global. Seja ativamente através de desenho, design, media digital ou em construção 3-D, a literacia visual fornece aos alunos de todas as idades e de todas as culturas a imaginação para habitar e colaborar em novos espaços de aprendizagem de descoberta. As artes visuais criam os hábitos da mente que reclamam a vida e trazem propostas viáveis para trazer um futuro melhor em 2050. Disposições como investigação visual, trabalhar com problemas de maneiras não rotineiras, reformulando questões e desafios, percebendo padrões, engajando-se em exploração e análise, seguindo a curiosidade, trabalhando com ambiguidade, refletindo criticamente, colaborando com pessoas e recursos e utilizando os media para ampliar as perspetivas são processos naturais, maneiras inclusivas e poderosas de abordar questões socioculturais complexas e, segundo a nossa perspetiva, devem estar no centro da aprendizagem em 2050 (Eisner, 2002; Spehler & Slattery, 1999; Taylor, 2011; Tepper & Kuh, 2011).

Para romper e descobrir alternativas viáveis à compartimentação ultrapassada das estruturas escolares, disciplinas, classificações e capacitação e, evoluir para além da automação, didatismo e parâmetros culturais restritos, precisamos de uma abordagem que acolha mentes criativas e colaboração. O processo criativo abrange pluralidades e oferece aos alunos uma forma evolutiva de encontrar e de se comunicar com o mundo. Espaços de aprendizagem vão educar as crianças ligando aprendizagem emocional, intelectual, física e espiritual no contexto de uma sociedade global vivendo em conjunto e no mundo natural. As pessoas de pensamento transformador em 2050 serão inspiradas por outros e ganharão experiência para gerar, avaliar,

²Nota da tradutora: Zoom: ferramenta de vídeo conferência em tempo real pela internet

modificar, implementar e refletir sobre ideias. A literacia visual liberta a mente e alma para remodelar como o que ensinamos contribui para a RE identificação de si num contexto global.

Considerações finais

Como membros do InSEA, prevemos um sistema educacional onde os valores de paz, inclusão, diversidade e compreensão estão implícitos nas situações de aprendizagem tanto para o professor como para o aluno. Experiências educacionais ocorrerão em espaços de aprendizagem inovadores e adequados à finalidade com profissionais altamente qualificados, educadores artísticos especializados. As relações educacionais que prevalecerão entre os participantes (aluno e professor) irão abraçar a prática artística, hábitos de estúdio de ontologias da mente (Hetland, 2007) e maneiras pós-humanas de conhecer os mundos humanos e não humanos. Os sistemas educacionais reconhecerão e integrarão o conhecimento contextual e situado e a eficácia de sua transmissão por meio de informações não formais e formas informais de aprendizagem.

Além disso, visualizamos a educação como um conjunto de sistemas onipresentes, flexíveis e inovadores que são inclusivos, suficientemente ágeis para integrar pessoas com diferentes habilidades sem impor padrões uniformes de aprendizagem e avaliação. Em 2050, todos os educadores (profissionais comunitários, líderes indígenas e idosos, pais, pesquisadores-educadores multidisciplinares) valorizarão experiências com as artes visuais e o design como parte integrante da sua aprendizagem profissional inicial e em serviço. Com as artes visuais no coração da aprendizagem, a nossa comunidade global terá oportunidades para incorporar a inclusão e a diversidade, cultivar uma pedagogia inovadora, nutrir a criatividade e a imaginação e redesenhar os espaços de aprendizagem para abordar com integridade, o bem comum e as questões do “mundo real”.

Referências

- Brown, M. (2020). *Learning Spaces*. 2020. <https://www.educause.edu/research-andpublications/books/educating-net-generation/learning-spaces>.
- Coleman, K.S. (2018). Mapping the Nomadic Journey of Becoming in Digital Portfolios: Digital wayfinding in art education. *Australian Art Education*. Vol 39 (1). 91-106.
- Coutts, G. (2013). Applied Visual Arts: Learning for the Real World? In: Jokela, T. & Coutts, G., et al (Eds.). *Cool: Applied Visual Arts in the North* pp. 22-31 Rovaniemi: Faculty of Art and Design, University of Lapland.
- Coutts, G. & Eca, T. (2020) *Learning through Art: International Perspectives*. InSEA Publications. doi:10.24981/978- LTA2020
- Coutts, G. & Eca, T. (2019) *Learning through Art: Lessons for the 21st century?* InSEA Publications. DOI:10.24981/978- LTA2018
- Craft, A. Jeffrey, B. & Liebling, M. (Eds.). (2015). *Creativity in Education*. London: Continuum.
- Cropley, A (2002) *Creativity in Education and Learning: A Guide of Teachers and Educators*. London: Kogan Page
- Dewey, J. (1938). *Experience and Education*. New York, NY: Macmillan.
- Eisner, E. (2002). *The arts and the creation of mind*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Eisner, E. (2002). The Arts and the Creation of Mind, In Chapter 4, What the Arts Teach and How It Shows. (pp. 70-92). Yale University Press.
- Harland, J., Lord, P., Stott A., Kinder, K. Lamont, E. & Ashworth, M. (2005). *The Arts-Education Interface: A Mutual Learning Triangle?* Slough, UK: National Foundation for Educational Research. Doi 1903880 95 5.

Hetland, L., & Teachers College (New York, N.Y.). (2007). *Studio thinking: The real benefits of visual arts education*. New York: Teachers College Press.

InSEA (2018). *The InSEA Manifesto*. <https://www.insea.org/InSEA-Manifesto>

Kallio-Tavin, Mira (2020). Art education beyond anthropocentrism: The question of nonhuman animals in contemporary art and its education. *Studies in Art Education* 61(4). 10

Kallio-Tavin, M. (2018). Youth Visual Culture Practices and Their Relevance for Art Education in Finland, *MAGYAR TUDOMANY*, 179 (6). 773–781 <https://doi.org/10.1556/2065.179.2018.6.2>

Kallio-Tavin, M. (2016). Perceptions of the changes in the Finnish art education curriculum. *Educational Research*. 1/2016. <http://nevelestudomány.elte.hu/index.php/2016/04/perceptions-of-thechanges-in-the-finnish-art-education-curriculum/?lang=en> Budapest: Neveléstudomány, 37-42.

Kolko, J. (2012) *Wicked Problems: Problems worth Solving. A Handbook and Call to Action*. Texas: Austin Center for Design.

Lígia F., Ernst W., Luísa V., Teunis I., & João T. L. (Eds.). *Arts and cultural education in a world of diversity*, Yearbook of the European Network of Observatories in the field of arts and cultural education (ENO). Wiesbaden: Springer.

Manifold, M., Willis, S., & Zimmerman, E. (2016). *Culturally Sensitive Art Education in a Global World: A Handbook for Teachers*.

Millennium Development Goals (MDGs). 2020.: [https://www.who.int/news-room/factsheets/detail/millennium-development-goals-\(mdgs\)](https://www.who.int/news-room/factsheets/detail/millennium-development-goals-(mdgs))

Nussbaum, M.C. (1998). *Cultivating humanity. A classical defense of reform in liberal education*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Polyák, E& Vajda, Z. (2017). *The future of education*, <http://www.geopolitika.hu/hu/2017/06/06/azoktatas-jovoje/>

Read, H.G. (1943). *Education through Art*. London, Faber.

Robinson, K. (2002). *Out of Our Minds: Learning to be Creative*. Oxford: Capstone Publishing Limited.

Seoul Agenda
http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/CLT/pdf/Seoul_Agenda_EN.pdf

Silverman, J. (2016). Becoming empathic storytellers: A curriculum for developing cultural sensitivity. In M. Manifold, S. Willis, E. Zimmerman (Eds.) *Cultural Sensitivity in a Global World: A Handbook for Teachers* Reston, VA: National Art Education Association.

Spehler, R. M. & Slattery, P. (1999). Voices of imagination: the artist as prophet in the process of social change. *International Journal of Leadership in Education*, 2 (1), 1-12.

Sustainability Development Goals
<http://www.unesco.org/new/en/natural-sciences/environment/earth-sciences/unesco-globalgeoparks/sustainable-development-goals/>